

## UMA CABEÇA ROMANA DE BRONZE

Por Carlos Alberto Ferreira de Almeida

Numas sondagens clandestinas, em busca de tesouros, uns populares (1) descobriram no monte do Castelo, do lugar de Calvos, freguesia de Rossas, Vieira do Minho, distrito de Braga, uma cabeça romana, de bronze, que é objecto desta notícia.

Nesse monte do Castelo esteve um antigo castro que uma série de aterros com alicerces de muralha bem patenteia. Aquando da visita que fizemos ao local (2) impressionou-nos a extraordinária abundância de fragmentos de tegulas que nos deu a impressão de, ao menos em parte, o castro ter tido, possivelmente, uma destruição repentina. Mas o local teria sido habitado pelo menos até aos fins do Império, porque aí têm aparecido materiais romanos tardios. Com terras agricultáveis nas proximidades, não admira que este castro, como quase todos os outros em igualdade de circuns-

---

(1) Um deles é o actual possuidor da cabeça, Adelino Fernandes Peixoto.

(2) Estivemos no local como vogal da Junta Nacional de Educação. Agradecemos ao actual Presidente da Câmara Municipal de Vieira do Minho o interesse que manifestou pela nossa visita e as deligências que efectuou para facilitar a nossa missão.

tâncias ecológicas, tenha tido uma ocupação permanente ao longo da época romana<sup>(3)</sup>.

Entre os objectos que aí foram ùltimamente postos a descoberto<sup>(4)</sup> salientamos dois fragmentos lisos de *sigillata* hispânica, de boa qualidade, alguns bocados de louça com ornamentação tipicamente castreja, um cossoiro de secção quase rectangular, tardio, e um bordo de uma taça de vidro, em cabeça de fósforo, cor de azeitona e com muitas bolhas de ar, talvez já do século V. Nesses remeximentos, apareceram ainda um mascarão barbado, bastante imperfeito, rematado em cruz e por um buraco redondo para a asa, de uma *situla*<sup>(5)</sup>, um fragmento de um recipiente de bronze, cravejado, uma conta de colar, arredondada e com dezoito gomos um pouco irregularmente traçados, de pedra azulada, que me pareceu mármore, e um pequeno machado de pedra, polido, com 55 mm. de comprimento, de secção muito oblonga, e que, a julgar por outros dois machados muito semelhantes que conhecemos, um de Sanfins e outro de Fiães da Feira e aparecidos também em horizontes romanizados, seria utilizado como amuleto pelos povos locais de então.

Encontraram-se também duas moedas romanas, uma de bronze, tardia e que está muito estragada e outra de prata, um quinário de Carisius, legado de Augusto para a pacificação do Noroeste peninsular. O seu estado de conservação é sofrível. Pesa 2,2 gramas e tem no inverso: *August*, cabeça de Augusto, descoberta, voltada à direita; no reverso: *P Carisi Leg.*, Vitória de pé, voltada à direita, coroando um troféu.

Embora sejam muito poucos os elementos para poder-mos historiografar a vida deste castro, parece estarmos em

---

(3) Em estudo que preparamos sobre «castros» medievais parece concluir-se que os antigos castros, pré-romanos, que dominavam zonas férteis foram, geralmente, romanizados e são estes que continuam com vida, que se mantêm com interesse defensivo durante a Baixa-Idade Média. Mas nesta época criaram-se alguns centros defensivos novos, como veremos.

(4) Há a crença, que motivou as presentes buscas populares, de há anos aí ter aparecido, entre outras coisas, um objecto de ouro que foi vendido a um ourives de Braga.

(5) É muito semelhante a um existente na Biblioteca Nacional de Lisboa; Cfr. Jorge Alarcão e M. Delgado, *Catálogo Do Gabinete De Numismática E Antiguidades, 1.ª Parte*, Lisboa, 1969, pág. 36, n.º 35.

presença de um povoado que poderia ter recebido já influências romanas no tempo de Augusto e que foi habitado durante o Baixo-Império.

Foi neste castro, no cimo e a cerca de meio metro de profundidade, que apareceu a cabeça de bronze que damos a conhecer.

Esta cabeça devia ter feito parte de uma estátua ou de um busto. Vê-se claramente que está truncada onde devia começar o pescoço. É oca embora tenha as paredes bastante grossas. A patine tem um tom cinza-escuro. Naquelas partes em que esta primeira capa saiu aparece a cor verde das granulações adulteradas do bronze. Pesa 307 gramas. Tem de altura 64 mm., de largura no sítio das orelhas, que estão encobertas pela cabeleira, 50,4 mm. e 48 mm. da ponta do nariz à parte traseira da cabeça.

Os cabelos, estriados e bem calcados, descem radialmente do cimo da cabeça e passando por baixo de grossa cinta — *taenia* — rompem em farta e volumosa ondulação. Na parte superior da cabeça, entre a cinta e a testa e as fontes, a cabeleira é tratada caprichosamente em sequências de duas madeixas. Na parte detrás, sobre a nuca, a mesma estria de cabelo que passa debaixo da cinta desce até baixo, formando um duplo meandro. Três volumosos caracóis de cabelo caem sobre a fronte.

O nariz, direito, no prolongamento da testa, à maneira grega, tem a ponta bastante gasta. O olhar é sério, mas não é severo. As pálpebras superiores aparecem bem definidas. Já não assim as inferiores. A iris dos olhos é indicada por um pequeno círculo. As pupilas estão cavadas. A boca está fechada.

O farto bigode não nasce sobre o lábio superior, mas lateralmente, deixando bem visível a comissura dos grossos e bem esculpídos lábios. Os bigodes vão confundir-se com movimentos da barba e esta, em ondulações paralelas e oblíquas, vai juntar-se aos cabelos. Sobre o queixo, a barba apresenta-se bipartida. A parte frontal do mento é coberta por dois tufos de pêlo que descem dos lados e aí, oposta e simètricamente, se enroscam. Debaixo do queixo, a barba é ainda abundante e está também dividida em duas partes.

Esta cabeça é um bom trabalho romano, elaborado com bastante pormenor e inspirado em modelo grego. Pelo estilo barroquizante no tratamento do cabelo e barba, como pela inspiração, pelos caracóis de cabelo que caem sobre a testa, pelas pupilas cavadas e pelo aspecto bífido da barba, estamos certamente em presença de uma escultura da época de Septímio Severo (193-211). Deve ser um produto de importação.

É mais difícil sabermos qual é a divindade que se apresenta. Faltam-nos os atributos que estariam iconografados nas partes do corpo, ausentes. Por isso a sua identificação tem dificuldades. Mas parece-nos que, embora não seja de excluir a hipótese de esta cabeça ter pertencido a uma imagem de Esculápio ou até de um Poseidon, talvez seja melhor considerá-la como uma apresentação de Júpiter (Zeus). Ela não tem, é certo, aquele aspecto hiperfísico, aquela largura, tão frequente nas caras deste deus <sup>(6)</sup>, mas também há esculturas de Júpiter em que a cabeça não tem esse aspecto <sup>(7)</sup>. Inclina-mo-nos, pois, para que seja uma representação de Júpiter, cujo culto teve enorme sucesso no Noroeste peninsular durante a romanização <sup>(8)</sup>.

Um outro problema é sabermos qual a função, qual foi a aplicação desta imagem. A cabeça está muito cossada, mesmo desgastada, na barba do queixo e nas ondulações do cabelo que cobrem as orelhas, sobretudo do lado direito. Este desgaste parece sugerir que ela fazia parte de um *aplique* de qualquer móvel.

Tem ainda esta cabeça um buraco quadrangular, embora irregular, e que foi feito depois da fundição. Está um pouco

---

<sup>(6)</sup> Lembremos entre as cabeças de Júpiter, aquela que apareceu em Sarra (A. Audin, *Lyon Miroir de Rome Dans les Gaules*, Paris, 1965, pág. 122) e encontrada em Col du Petit-Saint-Bernard, Aosta (F. Braemer, *Sculpture en métal...* in «Revue Archéologique», Nouv. Série, 1968, pág. 334).

<sup>(7)</sup> Entre outras recordemos a cabeça da escultura de Júpiter aparecida em Soutelo, Vila do Conde; Cfr. Ricardo Severo, *Estatueta Romana De Soutello*, in «Portugalia», t. I, pág. 129-130.

<sup>(8)</sup> Cfr.: Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Romanização Das Terras Da Maia*, Maia, 1968, pág. 25; J. Leite de Vasconcelos, *Religiões Da Lusitânia*, vol. III, Lisboa, 1913, pág. 127.

ao lado, descentrado, e logo acima da cinta do cabelo. A sua abertura deve ter causado a fenda que se vê ao longo da parte traseira. Buracos deste género aparecem algumas vezes nas esculturas de bronze para se lhes adaptar certas peças, mas este orifício deve ter sido feito para ajudar a fixar esta cabeça a qualquer móvel, carro, ou em alguma parte da casa.

García Y Bellido, em recente estudo sobre as esculturas romanas da Galiza <sup>(9)</sup>, nota que nessa região a grande estatuária de mármore está quase ausente <sup>(10)</sup> havendo, em contrapartida, um certo número de pequenas estatuetas de bronze, concluindo que isso se compreendia devido à tardia e peculiar romanização do Noroeste, tão diversa do Sul. Igual impressão nos fica do estudo da escultura romana do Norte de Portugal, onde falta a estatuária em mármore, embora a haja em granito <sup>(11)</sup> e onde se encontraram já, pelo menos, oito estatuetas de bronze <sup>(12)</sup>.

A cabeça romana aparecida em Vieira do Minho é por tudo isto, ainda que fraccionada, uma importante e bela peça da época severiana, até pelo seu muito razoável estado de conservação.

---

<sup>(9)</sup> García Y Bellido, *Esculturas Romanas De Galicia*, in «Cuadernos De Estudios Gallegos» t. XXIV, 1969, pág. 27-34.

<sup>(10)</sup> É o grupo de Diónisos e Ampelos que apareceu no castro de Muradella, próximo de Verin; *Cfr.*: García Y Bellido, *op. cit.*, pág. 28-30.

<sup>(11)</sup> Mas tanto o relevo da Fonte do Ídolo de Braga, como o torso, nú, de Mòsinho (Penafiel), como ainda a figura togada da Foz do Douro ou de Santa Marinha de Zêzere (Baião) têm aspecto rude e provincial o que vem acentuar ainda mais estas impressões.

<sup>(12)</sup> A vaquinha do castro de Sacóias, Trás-os-Montes (J. Leite de Vasconcelos, *Religiões*, vol. III, pág. 239); o Júpiter de Soutelo, Vila do Conde, citado; a Nereida de Alvarelos, Santo Tirso (Faya Santarém, *Um Bronze De Arte*, in «Revista de Guimarães», vol. LXIV, 1954, pág. 31); o pequeno Marte do Museu de Penafiel (Abílio Miranda, *Origem De Um Topónimo*, in «Douro-Litoral», I, 1940, pág. 90-94); o peso de balança figurativo que terá sido encontrado no castro de S. Pedro de Fontes, Penaguião (J. Alarcão, *Um Peso De Balança Figurativo*, in «In Memoriam Do Abade Henri Breuil», I, Lisboa, 1965, pág. 11-17); uma estatueta de Minerva, aparecida em Braga, uma outra de Baco que terá aparecido em Ponte do Lima e a presente cabeça.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

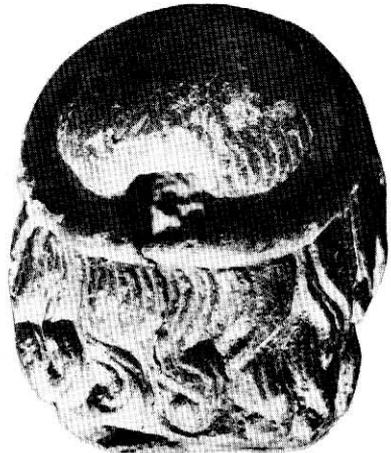


Fig. 4